

“Saiba que coloquei Newton ao meu lado e lhe confiei a incumbência de instruir os habitantes de todos os planetas e comandá-los. A assembléa dos vinte e um eleitos da humanidade terá o nome de Conselho Newtoniano. E' este que me representará na terra. Dividirá a humanidade em quatro esferas, a inglesa, a francesa, a alemã e a italiana. Cada uma delas terá, por sua vez, um corpo constituído conforme o conselho principal. Cada homem, seja qual fôr a parte da terra em que more, tem de filiar-se a uma dessas secções”.

“Conselho Newtoniano” — “cristianismo social” — “papado físico-científico do futuro govêrno intelectual e religioso da Europa” — eis a terminologia extravagante e oracular com que perfeitamente se coadunavam as declarações de Saint Simon, o amanuense meio faminto de monte pio, que, por fim, como num delírio, falava em milhões de francos que deviam caber-lhe como prêmio, em sua própria beatificação e em outras loucuras não menos extravagantes.

Comte resolvera apagar para sempre isso de sua memória; nem sequer, na sua grande obra, chegou tão somente a citar o nome de Saint Simon. E, a-pesar-disso, agora, a loucura obrigava-o mesmo a copiar todos êsses disparates tão profundamente desprezados e odiados, como se o seu antigo chefe lhos tivesse ditado à proporção que escrevia!

De fato, o que Augusto Comte, querendo tirar as últimas conclusões de seu grande sistema, na realidade escrevia, não era também senão um evangelho religioso em nada menos abstruso do que o de Saint Simon! O demônio que seguidamente lhe fazia corrigir seu manuscrito para torná-lo mais tolo, não lhe poupou sequer uma única fase duma recaída no delírio religioso: nem a igreja dos intelectuais, nem a hierarquia dos sábios, nem a adoração duma divindade, com tôdas as cerimônias dum novo culto!

O espírito de imitação que se tinha apoderado d'êle o forçou, exatamente como Saint Simon, a se proclamar a si mesmo “Pontífice da humanidade” e, nessa qualidade, a batizar e casar seus discípulos consoante um exquisito cerimonial.

Afinal, o desvario que se apoderara do espírito de Comte ultrapassou todos os desatinos da religião racionalista de Saint Simon. Não foi Comte, por ventura, que, uma vez, esboçou um “calendário positivista” no qual cada dia era designado pelo nome de um grande mestre espiritual da humanidade, ao passo que, doutra vez, mandou ao Geral dos Jesuítas uma desatinada carta em que lhe propunha uma aliança entre a sociedade de Jesús e a filosofia positiva com o fim de conquistar o mundo?

O amor que, aos quarenta e sete anos, dedica o filósofo a uma certa Mlle. Clotilde Vaux põe o remate ao desatino religioso de sua obra: Na fantasia doentia de Comte, essa mulher, depois de sua morte prematura, torna-se uma Divindade. A semelhança da vene-

ração votada pelos católicos à Virgem Maria, proclama um “culto de Clotilde”, remodelando, em honra da nova Deusa, seu “calendário positivista”, com tanta pena elaborado, e substitue-o por um outro, no qual, além de numerosos dias dedicados a Clotilde, encontramos como santos do dia, Hipócrates, Don Juan, Buda, Bocaccio e Tomaz de Aquino.

A humanidade inteira deve venerar em Clotilde o Ser Supremo. A esta deusa principal e tutelar do positivismo, Comte associa, como membros duma nova Trindade — sua própria mãe e sua cozinheira Sophie Bliaux que tratara Clotilde com tanta dedicação durante sua doença e lhe prestara a êle próprio, valiosos serviços por ocasião de suas freqüentes cólicas do estômago.

\* \* \*

O tom ditirâmico, que vai até o abstruso, manifesto nas obras de Saint Simon e não menos nas de Comte, e que afinal, afastando a ambos duma sóbria filosofia concreta, os arrasta às esferas das fantasias pseudo-religiosas, explica-se mui facilmente pela crença que domina em geral desde a Aufklaerung e segundo a qual todos os males do mundo não são senão a consequência dum êrro de raciocínio, devendo assim o saber intelectual, por si só, livrar o mundo de todo mal. Em muitos pensadores do tempo que pensam possuir a “verdade pura”, essa convicção lhes desperta a consciência de serem salvadores messiânicos, mensageiros e mandatários do Deus da Razão — consciência essa que os leva à megalomania.

Nem o próprio Napoleão, de vez em quando, escapa a êsse sentimento. “Minha ambição” diz êle, “é talvez a maior e a mais alta que jamais houve. Visa firmar e consagrar o império da Razão, a revelação completa, o triunfo integral das forças humanas”.

Entretanto, nessa contínua penetração progressiva da inteligência na história do mundo, via o positivismo a lei da evolução e, por êste motivo, sentia-se mais convicto de estar de posse da verdade do que qualquer doutrina anterior. O positivismo tinha por definitivamente acabado o tempo no qual a história era determinada pelas paixões, pelos instintos e pelos atos dos homens, isto é, por forças irracionais e sobrenaturais. Acreditava firmemente que, na era da ciência, a futura existência e o futuro “devenir” se modelariam segundo princípios claros e incontestáveis tirados do conhecimento da realidade.

Uma vez que se havia logrado fixar as linhas gerais da evolução, logo, dêsse conhecimento, dimanavam também os meios pelos quais o progresso, obedecendo a leis naturais, podia ser predeterminado dentro do próprio porvir, e igualmente fomentado e acelerado. Eis por quê Saint Simon já anuncia: “Agora a humanidade sabe que progride!” “Ela já conhece a lei das crises sociais e, por êste motivo,